



ESTUDOS TRANSVIADOS: ALGUMAS REFLEXÕES

STUDIES RIOT : REFLECTIONS

GOMES FILHO^a, Antoniel dos Santos

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO^a

Recebido em: 18/03/2016; Aceito: 20/04/2016; Publicado: 29/07/2016

Resumo

Apresento nesse breve ensaio teórico algumas reflexões sobre os Estudos Transviados, proposta cunhada pela Cientista Social Berenice Bento, como tradução idiossincrática para a Teoria *Queer* no Brasil. A partir de uma revisão de literatura delineei um breve contexto histórico da Teoria *Queer* desde seu surgimento euro-americano, até sua difusão para outros continentes, tomando como escopo analítico a América-latina em especial o Brasil. É notório que há muitas tensões quando se proe traduções e (re)significações da Teoria Queer no Brasil, nesse sentido os Estudos Transviados podem ser um caminho para buscar compreender as especificidades nacionais, buscando dialogar de forma legítima com teorias do norte global, por vezes tomadas como universais.

Palavras-chave: Estudos Transviados; Teoria *Queer*; Brasil

Abstract

I present this brief theoretical essay some reflections on the Riot studies proposed coined by Social Scientist Berenice Bento, as idiosyncratic translation for Queer Theory in Brazil. From a literature review outlined a brief historical context of Queer Theory from its Euro-American appearance until its spread to other continents , taking as analytical scope to America -Latin especially Brazil . It is clear that there are many tensions when proe translations and (re) meanings of Queer Theory in Brazil , in this sense the Riot studies can be a way to try to understand the national characteristics , seeking dialogue of legitimate form with the global north theories sometimes taken as universal .

Keywords: Studies Riot; Queer Theory; Brazil.

* Autor Correspondente:

Antoniél dos Santos Gomes Filho. Pesquisador do Laboratório Interdisciplinar em Estudos da Violência/LIEV/ Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO. E-mail: antoniél.historiacomparada@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esse breve ensaio teórico sobre os estudos de gênero e sexualidade no Brasil, surge a partir das revisões de literatura iniciais realizadas para elaboração da pesquisa intitulada: *Travestis, Educação e Religiosidades no Ceará*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - PPGE/UFC, na linha de: História da Educação Comparada - LHEC, no eixo: Família, Sexualidade e Educação, sob orientação do Prof. Dr. Gisafran Jucá, estando em fase inicial de desenvolvimento.

As discussões apresentadas nesse ensaio tem o intuito de propor algumas reflexões sobre os Estudos Transviados; proposta apresentada pela cientista social brasileira, Berenice Bento, Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, que nos últimos anos vem apresentando os Estudos Transviados como transcrição cultural idiossincrática para a Teoria *Queer* em território brasileiro.

Tomamos como base de, e para discursão os artigos: 1) O QUE PODE UMA TEORIA: ESTUDOS TRANSVIADOS E A DESPATOLOGIZAÇÃO DAS IDENTIDADES TRANS (BENTO, 2014). 2) É O *QUEER* TEM PRA HOJE? CONVERSANDO SOBRE AS POTENCIALIDADES E APROXIMAÇÕES DA TEORIA *QUEER* AO SUL DO EQUADOR – ENTREVISTA COM BERENICE BENTO, produzido por Padilha e Facioli (2015). Outros estudiosos brasileiros também foram pesquisados para ampliar o escopo de análise: Miskolci (2009), Pereira (2012) e Lugarinho (2013) são alguns pesquisadores que contribuem para o debate sobre o pensamento *Queer* no Brasil.

Os debates sobre a Teoria *Queer* e seus conceitos e postulados no Brasil não se constitui novidade nos estudos sobre gênero e *sexualidade*, como dito por Lugarinho (2013, p. 41) “[...] as culturas latinas carecem ainda de estudos mais apropriados, e, por isso, é preciso conformar um modelo de análise que venha a dar conta das especificidades das culturas de língua portuguesa [e latino-americanas]”. Desse modo faz-se necessário pensar sobre como as teorias do norte global adentram no contexto brasileiro e são utilizadas e (re)significadas.

Partindo dessa perspectiva acredito que discutir e refletir a proposta dos Estudos Transviados como um modelo de análise para as questões de gênero e sexualidade correlacionadas com as questões de raça, etnia, classe, religiosidade, etc. podem ser um itinerário para contextualizar ou

(re)inventar a Teoria *Queer* no Brasil. Porém, é necessário problematizar essa transcrição: Os Estudos Transviados consistem apenas numa tradução do termo *Queer*? Quais são as propostas (teóricas e metodológicas) dos Estudos Transviados que se diferem da Teoria *Queer*? Como os Estudos Transviados podem proporcionar um escopo de análise para as questões de gênero e sexualidade no Brasil? Esses são alguns questionamentos que busco refletir nesse breve ensaio sobre uma perspectiva teórica que ainda carece de muita análise e reflexão por parte dos estudiosos de diversas áreas do conhecimento: como a sociologia, a filosofia e a história. Desse modo a reflexão se faz necessária, pois o campo ainda está em construção e sobre fortes tensões internacionais e principalmente nacionais.

METODOLOGIA

O ensaio apresentado consiste numa revisão de literatura elaborada com base na proposta de Hohendorff (2014). Inicialmente foram pesquisados artigos na base de dados Google Acadêmico, tendo como descritor: Estudos Transviados. Foram encontrados quatro estudos, e selecionados dois, por tratarem diretamente sobre o tema: Bento (2014) e Padilha e Facioli (2015). Artigos que versão sobre a interpretação e tradução da Teoria *Queer* no Brasil também foram selecionados no intuito de ampliar a discussão e fundamentação apresentada: Miskolci (2009), Pereira (2012), Lugarinho (2013) são alguns exemplos. Teses, dissertações, livros e artigos produzidos no Brasil também foram selecionados para compor o quadro de referências, pois foram desenvolvidos no eixo dos estudos de gênero e sexualidade ininteligíveis (ANDRADE, 2012; BENTO, 2009, 2010, 2011, 2012, 2014, 2015; LEITE JUNIOR, 2015; LOURO, 2000, 2001, 2013, 2015; POCAHY, 2011; SALES, 2012). Após a seleção do material literário, realizei uma (re)leitura crítico-analítica a fim de ampliar as compreensões sobre os sentidos e significados da Teoria *Queer* no Brasil, para assim apresentar algumas reflexões sobre os Estudos Transviados e *Queer* no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos sobre gênero e sexualidade dissidentes/ininteligíveis nos últimos anos vêm ganhando força e espaço nas pesquisas acadêmicas em território brasileiro. Teses, dissertações, dossiês temáticos, artigos, revistas científicas, entre outras produções trazem como abordagem as populações e

sujeitos/as lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTs) juntamente com seus contextos culturais, econômicos, políticos, individualidades e coletividades nas mais diversas esferas sociais, identitárias e subjetivas (ANDRADE, 2012; LEITE JUNIOR, 2015; POCAHY, 2011; SALES, 2012). Diversas são as áreas do conhecimento que tem dado visibilidade aos estudos de gênero e sexualidade: sociologia, filosofia, antropologia, psicologia, ciências médicas, ciências jurídicas, são alguns exemplos, porém é notória a adesão da Teoria *Queer* em muitas áreas do saber para discutir e produzir uma interpretação social do gênero e da sexualidade no Brasil.

A Teoria *Queer* surge no decorrer dos anos 1980 como desdobramento dos Estudos Culturais norte-americanos e também do Pós-estruturalismo francês, que problematizavam o sujeito, a identidade, a agência, entre outras questões que rompiam com a concepção de um sujeito centrado, unificado e contínuo em sua existência (o iluminista / sociológico), passando a compreender o sujeito como provisório, circunstancial e efêmero (sujeito pós-moderno). Os teóricos *queer*¹ focaram inicialmente nas questões de sexualidade e nas relações sociais que envolviam a temática, buscavam analisar as normas sociais, compreendendo a sexualidade como construção histórica e social e como um dispositivo de poder. O termo *Queer* foi utilizado no intuito de desestabilizar aqueles que escutassem, pois o termo nos países norte-americanos é um xingamento, que subalterniza as pessoas homossexuais, assim como o viado, a sapatão, a bicha, o traveco, no Brasil. O termo *Queer* também atingiu os movimentos sociais, ao passo que promoveu e promove uma crítica aos movimentos assimilacionistas. Seu intuito enquanto política não consiste em desqualificar os movimentos identitários, mais sim, apontar as armadilhas dos discursos hegemônicos que envolvem esses movimentos, como também demonstrar o caráter efêmero e contextual dos sujeitos, como já dito, dos sujeitos pós-modernos. Nos últimos anos Teoria *Queer* além de buscar questionar as normas sociais para as sexualidades e gêneros ininteligíveis/dissidentes, também tem realizados análises cruzadas outras categorias sociais como: raça, etnia e classe social, entendendo que todas estas categorias perpassam a formação identitária e subjetiva dos sujeitos *queer* ou

queerings (MISKOLCI, 2009; LOURO, 2001; PRECIADO, 2011; PERES, 2012; HALL, 2006).

Nos anos 1990 a Teoria *Queer* espalha-se por outros centros universitários juntamente com o ativismo, sendo então sua discussão ampliada e problematizada. Frow e Morris (2006) ao investigarem os Estudos Culturais afirmam que o alastre geográfico dessa abordagem proporcionou a formação dos Estudos Culturais Mexicanos, Franceses, Africanos, Alemães, Latino-americanos. Nessa mesma direção poderíamos dizer que a partir dos Estudos *Queer* Norte-americanos, nos anos 1990 surgiram noutros pontos do globo uma análise do gênero e sexualidade a partir dos pressupostos da Teoria *Queer*, como exemplo: os Estudos *Queer* Latino-americanos.

No contexto brasileiro a Professora Guacira Lopes Louro (2000, 2001, 2013, 2015) através do campo da educação abre os caminhos para entrada da Teoria *Queer* em solo brasileiro, seus textos são considerados referências para compreender os Estudos *Queer* no Brasil. Outro marco teórico para os Estudos *Queer* no Brasil foi a publicação do livro: *A Reinvenção do Corpo: Sexualidades e Gênero na Experiência Transexual* (2006), da cientista social Berenice Bento, atualmente Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, onde apresenta a experiência de transexuais brasileiras e estrangeiras (Bolívia, Espanha, EUA) nos dispositivos de saúde, desvinculando-se dos discursos médicos-psi, que entendem as experiências trans como algo imbuído de patologia.

A produção teórica de Berenice Bento (2009, 2010, 2011, 2012, 2014, 2015) vem demonstrando que as vivências das pessoas trans no Brasil são marcadas por uma série de exclusões sociais e privação dos direitos civis e sociais, apresentando essa questão através de um olhar transdisciplinar: áreas como educação, saúde coletiva, políticas públicas e direitos humanos atravessam seus trabalhos. A Teoria *Queer* também se faz presente, porém nos últimos anos é perceptível uma maior problematização da teoria em seus estudos:

A primeira conclusão: os estudos/ativismo *queer* conseguem um nível de adesão pulsante se comparada ao contexto brasileiro. Reivindicar uma não-identidade, lutar contra as identidades essencializadas, afirmar-se *queer* no ativismo, construir teorias com esta

¹ Butler (2000, 2002, 2008); Scott (1990); Sedgwick (2007); Weeks (2000); Gamson (2006); De Lauretis (2010); Jagose (1996); Preciado (2011, 2014).

nomeação, faz sentido no contexto local. Mas como traduzir o *queer* para o contexto brasileiro? Qual a disseminação deste campo de estudos no Brasil? Se eu perguntar para qualquer pessoa no Brasil “você é *queer*?”, provavelmente escutarei “o que é *queer*?” (BENTO, 2015).

A partir desse desconforto Berenice Bento propõe uma tradução cultural para a Teoria *Queer* no Brasil – conceituando-a como Estudos Transviados.

Qual a potência do *queer* na sociedade brasileira? Nenhuma. Se eu falo transviado, viado, sapatão, traveco, bicha, boiola, eu consigo fazer com que meu discurso tenha algum nível de inteligibilidade local. O próprio nome do campo já introduz algo de um pensamento colonizado que não me agrada de jeito nenhum. Nos meus textos, eu começo falando de estudos/ativismos transviados, abro aspas e digo “tradução cultural (idiossincrática) para teoria *queer*” e sigo. (Berenice Bento – Entrevista concedida a Padilha e Facioli, 2015, p.146).

“*Queer*” só tem sentido se assumido como lugar no mundo aquilo que serviria para me excluir. Portanto, se eu digo *queer* no contexto norte-americano é inteligível, seja como ferramenta de luta política ou como agressão. Qual a disputa que se pode fazer com o nome “*queer*” no contexto brasileiro? Nenhuma. Em alguns textos eu tenho trabalhado com a expressão “estudos transviados”. A minha língua tem que fazer muita ginástica para dizer *queer* e não sei se quem está me escutando compartilha os mesmos sentidos. Ser um transviado no Brasil pode ser “uma bicha louca”, “um viado”, “um travesti”, “um traveco”, “um sapatão” (BENTO, 2015).

Diante dessa fala poderíamos refletir: Os Estudos Transviados consistem apenas numa tradução do termo *Queer*? Sobre essa questão Pereira (2012) diz que a potência do *queer* e sua não universalização em teorias prontas sem levar em consideração as especificidades locais, dependem da capacidade de absorção das experiências locais, num contexto de alteração teórica. Isso significa dizer que a Teoria *Queer* deve adequar-se aos contextos territoriais, espaciais, identitários, subjetivos, etc. específicos do lócus de pesquisa, dando uma característica de mutabilidade à teoria, que deve ser explorada pelo pesquisador/a. Porém é notório que há um incomodo quando se evoca o termo *queer* para designar as diversas realidades das experiências de gênero e sexualidades dissidentes/ininteligíveis brasileiras, é nesse incomodo:

Os estudos transviados serão os contradiscursos que irão propor uma nova interpretação para a relação com o corpo-sexualidades-gênero e irão estabelecer uma forte disputa com o *mainstream*. [...] A disputa que os estudos transviados estão realizando com outros saberes instituídos em torno das sexualidades, gêneros e dimensões raciais, tem como efeito invadir áreas do conhecimento antes tida como verdadeira porta-vozes de determinadas esferas da vida (BENTO, 2014, p. 46-49).

Outra reflexão advém desse posicionamento: Quais são as propostas (teóricas e metodológicas) dos Estudos Transviados que se diferem da Teoria *Queer*? Bento (2015) afirma que são eixos do ativismo e teoria *queer*: 1) Desnaturalização das bioidentidades (coletivas e individuais); 2) Ênfase nas relações de poder para interpretar as estruturas subjetivas e objetivas da vida social; 3) A permanente problematização das binariedades; 4) Prioridade à dimensão da agência humana; 5) Crítica ao binarismo de gênero (masculino *versus* feminino) e sexual (heterossexual *versus* homossexual).

Segundo a teórica esses pontos não podem ser atribuídos à teoria *queer*, pois, a explicação da prática social é delineada pela teoria da performance, marcando uma tensão entre as ciências sociais (indivíduo *versus* sociedade).

Assim, o que há de original na teoria *queer* é a “sacada” de utilizar um xingamento que produz um discurso capaz de silenciar uma multidão de vozes, e reintegra-lo socialmente causando um incomodo, uma fissura social.

É notório que há uma difusão, uma institucionalização desses eixos como sendo inerente a Teoria *Queer*, nesse sentido é necessário refletir sobre como os Estudos Transviados irão (re)contruir, (re)inventar, (re)modelar essas questões difundidas como *queer*, e antes de tudo, pensar como vai ou está ocorrendo essa negociação, visto que muitos estudiosos brasileiros não sentem nenhum incomodo em utilizar o *queer*.

CONCLUSÕES

Como pensar uma epistemologia, uma teoria brasileira para os estudos de gênero e sexualidade dissidentes e ininteligíveis? Já não estamos fazendo uma epistemologia, ou epistemologias? Os Estudos Transviados seriam um itinerário a ser percorrido? Esses estudos proporcionariam um escopo metodológico para análise social brasileira? Como compreender as teorias de gênero e sexualidade do norte global, utilizando-as como tal, ou resignificando-as para os nossos contextos e especificidades territoriais, espaciais? Essas são algumas indagações advindas da proposta de tradução idiossincrática para os Estudos/Teoria *Queer* cunhada pela Professora Berenice Bento, os Estudos Transviados.

É necessário reconhecer que os Estudos Transviados pode ser uma fonte de tensão, acadêmica, política e social, ao passo que, reconhecer-se como um Transviado é reconhecer uma construção social que proporciona apartação social no contexto brasileiro, é reconhecer que ser viado, travesti, sapatão, etc. no interior do Ceará, não é o mesmo que em Santa Catarina, porém ser viado, sapatão e travesti seja no Oiapoque ao Chui é ser alvo de preconceito, discriminação e exclusão social.

As tensões que os Estudos Transviados podem provocar, ou já estão provocando é fonte de potencialidade para proporcionar fissuras na sociedade, nos movimentos sociais e principalmente na universidade/academia, ainda assombrada com o fantasma da heteronormatividade. Portanto, o caminho aberto pela Professora Berenice Bento é tortuoso e difícil, porém são nesses percalços que podem emergir novos conceitos que atendam as demandas brasileiras por um novo olhar interpretativo do gênero e da sexualidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. N. **Travestis na escola:** assujeitamento e resistência à ordem normativa. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

BENTO, B. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. In: **Revista Bagoas**, v. 4, p. 95-112, 2009.

_____. **A Reinvenção do Corpo:** Sexualidades e Gênero na Experiência Transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. As famílias que habitam" a família". **Sociedade e Cultura**, v. 15, n. 2, p. 275-283, 2012.

_____. As tecnologias que fazem os gêneros. In: **VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. 2010.

_____. NA ESCOLA SE APRENDE QUE A DIFERENÇA FAZ A DIFERENÇA. In: **Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 548-559, 2011.

_____. O QUE PODE UMA TEORIA? ESTUDOS TRANSVIADOS E A DESPATOLOGIZAÇÃO DAS IDENTIDADES TRANS. In: **Florestan**, n. 2, p. 46, 2014.

_____. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. In: **Revista Cult**. nº 193. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/10/queer-o-que-ativismo-e-estudos-transviados/> . Acesso em: 22 Set. 2015.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

_____. Cuerpos que importan: Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paodós, 2002.

_____. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DE LAURETIS, T. Teoria queer: sexualidades lesbiana y gay. In: REYES, M. L.; LÓPEZ, A. T. (Orgs.). **FLORILEGIO DE DESEOS:** NUEVOS

- ENFOQUES, ESTUDIOS Y ESCENARIOS DE LA DISIDENCIA SEXUAL Y GENÉRICA. México: Ediciones Eón, 2010. (Colección: Sexualidad y Sociedad – Benemérita Universidad Autónoma de Puebla).
- FROM, J.; MORRIS, M. Estudos Culturais. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GAMSON, J. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. P.; HOHENDORFF, J. V. (Orgs.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- JAGOSE, A. *Queer Theory: An Introduction*. New York: University Press, 1996
- LEITE JUNIOR, F. F. **Travestilidades e Envelhecimento: Cartografando Modos de Vida na Transcontemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2015.
- LOURO, G. L. **Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013
- _____. Teoria *Queer* – uma política pós-identitária para a educação. In: **Estudos Feministas**, n. 2, p. 541-553, 2001.
- _____. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidades e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LUGARINHO, M. C. Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa. **Revista Gênero**, v. 1, n. 2, 2013.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. In: **CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL**. 2007. p. 1-19.
- _____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 150-182, 2009.
- PADILHA, F.; FACIOLI, L. É O *QUEER* TEM PRA HOJE? CONVERSANDO SOBRE AS POTENCIALIDADES E APROXIMAÇÕES DA TEORIA *QUEER* AO SUL DO EQUADOR – ENTREVISTA COM BERENICE BENTO. In: **Áskesis**, v. 2, n. 1, p. 143-155, Porto Alegre, 2015.
- PEREIRA, P. P. G. Queer nos trópicos. In: **Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 371-394, Porto Alegre, 2012.
- PERES, W. S. Travestilidades Nômades: a explosão dos binarismos e a emergência *queering*. In: **Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 539-547, 2012.
- POCAHY, F. **Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2011.
- PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- _____. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, v. 19, n.1, p. 11-20, 2011.
- SALES, A. (Nome social). **Travestilidades e escola nas narrativas da alunas travestis**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Rondonópolis, 2012.
- SCOTT, J. W. GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA. In: **Educação e Realidade**, v. 16, n.2, 1990.
- SEDGWICK, E. K. A Epistemologia do Armário. In: **Caderno Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. **Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.